

ARTIGO CIENTÍFICO

## INTOXICAÇÃO POR *Tephrosia cinerea* EM OVINO: RELATO DE CASO

Ruana Rafaela Lira Torquato Paiva<sup>1\*</sup>; Vitória Rebouças<sup>1</sup>; Orlandina Alves da Costa<sup>1</sup>; Bismark Alves da Silva<sup>2</sup>; Alex Carlos da Silva França<sup>2</sup>; Desirée Coelho de Mello Seal<sup>3</sup>; Leonardo Lomba Mayer<sup>4</sup>; Regina Valeria da Cunha Dias<sup>5</sup>

**Resumo:** A *Tephrosiacinerea* é uma planta comum na região Nordeste, normalmente encontrada em períodos de seca e considerada tóxica para algumas espécies quando ingeridas de forma crônica. No animal intoxicado, o consumo da planta leva a um aumento da pressão hidrostática intra-hepática, levando a um quadro de ascite, fazendo com que os produtores conheçam a doença como “barriga d’água”. Trata-se de uma intoxicação de caráter crônico, de alta mortalidade e sem tratamento. Um ovino, deu entrada no Hospital Veterinário- UFERSA com aumento de volume na região abdominal, sendo diagnosticado com intoxicação por *Tephrosiacinerea*. E após tratamento sintomático, conseguiu-se reverter o quadro clínico, tendo o animal alta médica após 7 dias.

**Palavras-chave:** Planta; Tóxica; Ascite.

## INTOXICATION BY *Tephrosia cinerea* IN SHEEP: CASE REPORT

**Abstract:** *Tephrosiacinerea* is a common plant in the Northeast region, usually found in periods of drought and considered toxic to some species when ingested chronically. In the intoxicated animal, the consumption of the plant leads to an increase in intrahepatic hydrostatic pressure, leading to an ascites condition, causing producers to know the disease as "water belly". It is a chronic intoxication, high mortality and without treatment. A sheep was admitted to the Veterinary Hospital - UFERSA with increased volume in the abdominal region, being diagnosed with *tephrosiacinerea* poisoning. And after symptomatic treatment, the clinical picture was reversed, with the animal discharged after 7 days.

**Keywords:** Plant; Toxic; Ascites.

\*Autor para correspondência

Recebido para publicação em 22/08/2019; aprovado em 06/05/2020

<sup>1</sup>Graduanda em Medicina Veterinária pela Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA), Mossoró – RN – Brasil, e-mail ruanatorquato@gmail.com

<sup>2</sup>Médico Veterinário Residente da Clínica Médica e Cirúrgica de Grandes Animais da Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA), Mossoró – RN – Brasil.

<sup>3</sup>Programa de Pós-Graduação em Sanidade e Reprodução de Ruminantes pela Universidade Federal Rural de Pernambuco- UFRPE, Recife – PE – Brasil.

<sup>4</sup>Programa de Pós-Graduação em Ciência Animal pela Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA), Mossoró – RN – Brasil.

<sup>5</sup>Professora do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA), Mossoró – RN – Brasil.

## INTRODUÇÃO

As intoxicações por plantas em animais de produção são conhecidas no Brasil desde a introdução dos primeiros bovinos pelos portugueses nas pastagens brasileiras, e causam grandes perdas econômicas. A *Tephrosiainerea*, também conhecida como “falso anil” é da família Leguminosae, frequente encontrada na região nordeste do Brasil. Essa leguminosa é comumente citada como fonte de intoxicação de ovinos durante o período de seca (SANTOS et al. 2007). Porém, seu princípio ativo ainda é desconhecido (RIET-CORREA, 2011).

Os sintomas clínicos provocados pela ingestão dessa planta, ocorrem devido a fibrose hepática periportal, com hipertensão portal e aumento da pressão hidrostática intra-hepática, que causa ascite, fazendo com que seja conhecida como doença da “barriga d’água” pelos produtores. A enfermidade é de curso crônico, os sinais clínicos podem levar algumas semanas ou meses para surgirem, sendo os sintomas mais comuns: ascite, anorexia, depressão, dispneia e intolerância ao exercício. A morbidade da patologia varia entre 10% e 70% e a letalidade é de aproximadamente 50% (RIET-CORREA et al. 2013; SILVEIRA et al., 2018).

Para o diagnóstico é utilizado o histórico de ingestão das vagens, sinais clínicos e avaliação histopatológica, na qual é possível observar fibrose periportal formando pontes interlobulares, além de necrose e hemorragia. Nos casos suspeitos de intoxicação por “falso anil”, deve ser realizado o diagnóstico diferencial para a intoxicação crônica por *Crotalaria retusa*, pois está também causa fibrose hepática e ascite, porém nas intoxicações por alcalóides pirrolizidínicos animais apresentam ainda icterícia, fotossensibilização e encefalopatia hepática. É importante que seja realizado o diagnóstico diferencial nesse caso, uma vez que ambas as plantas são frequentes na região (SANTOS, 2007; CARVALHO, 2009; SILVEIRA et al., 2018).

Na literatura não há tratamento descrito para a afecção, e como forma de controle os animais devem ser retirados das pastagens que contém o falso anil (RIET-CORREA, 2011). Objetiva-se, portanto, relatar um caso de um ovino intoxicado por *Tephrosiainerea*.

## MATERIAL E MÉTODOS

Um ovino, fêmea, SRD, pesando 18kg, criada em sistema semi-extensivo, deu entrada no Hospital Veterinário Jerônimo Dix-Huit Rosado Maia da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Durante a anamnese, o proprietário relatou que há cerca de 10 dias o animal passou a apresentar um aumento de volume da região abdominal bilateralmente. Mencionou ainda, que na propriedade havia a presença de outros animais com a mesma sintomatologia. Quando questionado sobre o tipo de pastagem

que o rebanho tinha acesso, afirmou que havia muita rebrota pelo período chuvoso e presença disseminada de “Falso Anil” na área na qual os animais pastejavam.

No exame clínico, o ovino apresentou sinais vitais, atitude, comportamento e apetite dentro dos parâmetros fisiológicos para a espécie. No teste de balotamento constatou-se líquido abdominal, que foi drenado por abdominocentese com o auxílio de uma agulha 40x12 e uma seringa de 20 ml. Aspirou-se aproximadamente 500ml de líquido inodoro, translúcido, discretamente amarelado, com escassos filamentos de fibrina. Foi solicitado como exames complementares o hemograma e a bioquímica, onde se constatou aumento leve da proteína sérica. Com base na anamnese, sinais clínicos, característica do líquido presente na cavidade abdominal e resultados dos exames laboratoriais fechou-se o diagnóstico de intoxicação por *Tephrosiacinerea*.

O tratamento instituído foi suspensão imediata do consumo da planta por parte do animal e a recomendação de vedar o acesso do rebanho às pastagens invadidas. Procedeu-se ainda com a drenagem do líquido durante 3 dias, visando descomprimir os órgãos intra-abdominais e aliviar o desconforto do animal. Concomitantemente, realizou-se a aplicação de 5 ml de Ornil® por via intravenosa, SID, durante 5 dias, sendo este fármaco um antitóxico e hepatoprotetor. Outros cuidados incluíram o fornecimento de volumoso e concentrado de qualidade, mineralização, água limpa e internamento em baía arejada com acesso controlado a piquetes nas proximidades do hospital veterinário.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com a realização da terapia durante o internamento do animal, após 7 dias recebendo os requeridos cuidados, o animal apresentou resolução do quadro clínico e recebeu alta médica.

Esse relato descreve um caso típico de intoxicação por *Tephrosiacinerea* em ovino, onde o a queixa principal do proprietário corrobora com o exposto pela literatura de que esse distúrbio é caracterizado por uma ascite, fazendo com que os produtores da espécie conheçam a doença como “barriga d’água”. Como relatado, intoxicações por essa planta são frequentemente observadas no estado do Rio Grande do Norte, devido a sua característica invasora na região Nordeste (NETO et al, 2013).

A patologia não é de cunho individual, mas uma preocupação que deve ser estendida ao rebanho. Isto foi evidenciado pelo quadro dos outros animais, como descrito na anamnese, que provavelmente também ingeriram o tóxico. Além de que, o rebanho tinha livre acesso a mesma pastagem e era criado em sistema semi-extensivo, sem haver um controle dos vegetais ingeridos. Esse cenário justifica a recomendação de restringir o acesso do rebanho às áreas invadidas por *Tephrosiacinerea*, como descrito por Riet-Correa (2011).

Os estudos demonstram que as intoxicações são frequentes em época de seca devido à falta de disponibilidade de alimentos (SANTOS,2007). Contudo, o animal em questão ingeriu a planta durante o período chuvoso da região.

Associado a ingestão da planta é relato a presença hipoproteinemia, hipoalbumemia e aumento das atividades de AST e GGT (SILVEIRA, 2008). No entanto, no caso em questão verificou-se um aumento moderado da proteína, e alteração discreta das enzimas hepáticas, o que se justifica por ser um quadro clinicoinicial e por isso também mais facilmente reversível.

O resultado do caso também confronta com Carvalho (2009) que relata os quadros de intoxicação por *Tephrosiadinerea* como uma enfermidade de alta mortalidade, e que devido a isso descreve apenas o controle para a intoxicação. Porém o caso relatado, corrobora com o descrito por Almeida et al. (2016) onde com o tratamento sintomático utilizado foi possível reverter o quadro clínico do animal e possibilitar o retorno deste a sua homeostase e funções produtivas.

Como descrito por Carvalho (2009) e Spinosa (2011), a *Tephrosiadinerea* causa necrose no fígado, o que justifica a utilização do Ornil®, que tem como principal princípio ativo a metionina, visando facilitar a eliminação do tóxico e principalmente por seu efeito hepático antinecrotico.

## CONCLUSÃO

As intoxicações por plantas são comuns em ruminantes devido ao seu hábito alimentar não seletivo, e *Tephrosiadinerea* é frequentemente relacionada a casos tóxicos em ovinos. Este caso clínico apresentou um resultado satisfatório com a realização de uma terapia sintomática, apesar da alta morbidade e letalidade que é relatada nesses quadros.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, F. F.; BORGES, P. A. C.; FRANÇA, T. G.; VALE, R. G.; RIBEIRO, G. K. S. ; JÚNIOR, B. R. A. Intoxicação por *Tephrosia cinérea* (falso anil) em ovinos. In: Congresso Estudantil De Medicina Veterinária Da Uece, 4., 2016, Fortaleza. **Anais**. Fortaleza: Ciência Animal, 2016. p.91 - 93.

CARVALHO, K. S. **Plantas hepatotóxicas da Paraíba**. 2009. **Dissertação (Mestrado)** - Curso de Medicina Veterinária, Centro de Saúde e Tecnologia Rural, Universidade Federal de Campina Grande, Patos, 2009.

NETO, S. A. G.; SAKAMOTO, S. M.; SOTO-BLANCO, B.. Inquérito epidemiológico sobre plantas tóxicas das mesoregiões Central e Oeste do Rio Grande do Norte. **Ciência Rural**, Santa Maria, v. 43, n. 7, p.1281-1287, jul. 2013.

SILVEIRA, A. M.; MOREIRA, É. C. M.; VAZ, F.; LORENZO, C.; DRIEMEIER D.; FURLAN, F.; DANTAS, A. F.M.; RIET-CORREA F. Periacinar liver fibrosis caused by Tephrosia cinerea in sheep. **Res. Vet. Sci.** v. 95, n. 1, p.200-203,2013.

RIET-CORREA, F.; BEZERRA, C. W. C.; MEDEIROS, R. M. T.. **Doenças de ruminantes e equinos.** Patos,2011.

SANTOS J.C.A., RIET-CORREA F., DANTAS A.F.M., BARROS S.S., MOLYNEUX R.J., MEDEIROS R.M.T., SILVA D.M.; OLIVEIRA O.F. 2007. Toxic hepatopathy in sheep associated with the ingestion of the legume Tephrosia cinerea. **J. Vet. Diagn. Invest.** 19(6):690-694.

SPINOSA, H. S.; GÓRNIK, S. L.; BERNARDI, M. M. **Farmacologia Aplicada à Medicina Veterinária.** 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan Ltda, 2011.